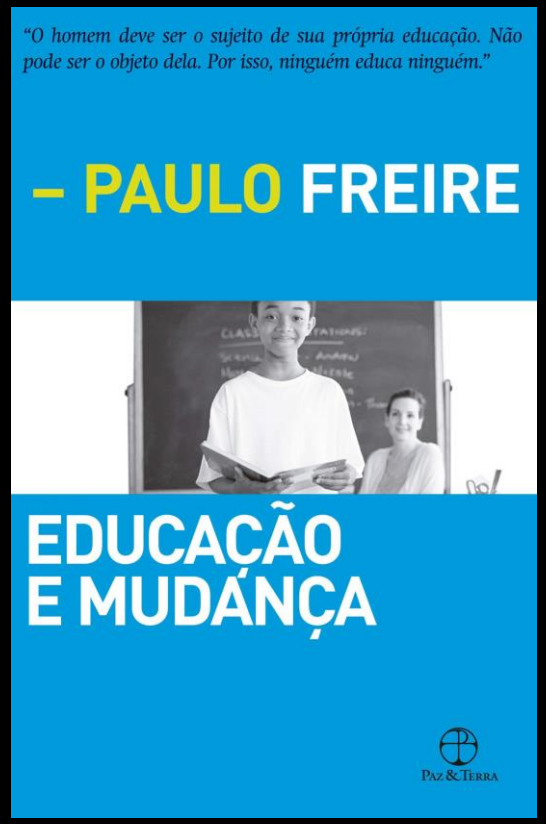
A BNCC E A LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Marcos Scheffel

(FE-UFRJ / PROFLETRAS)

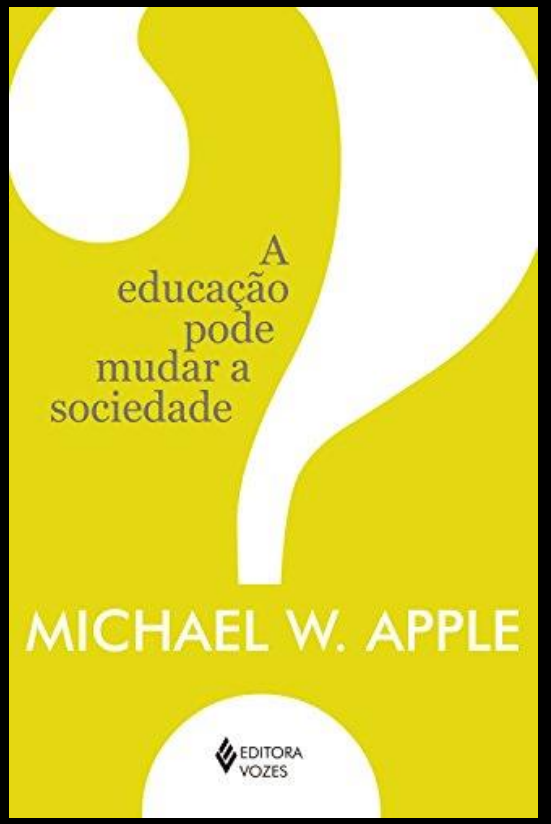
marcos.scheffel53@gmail.com



1979

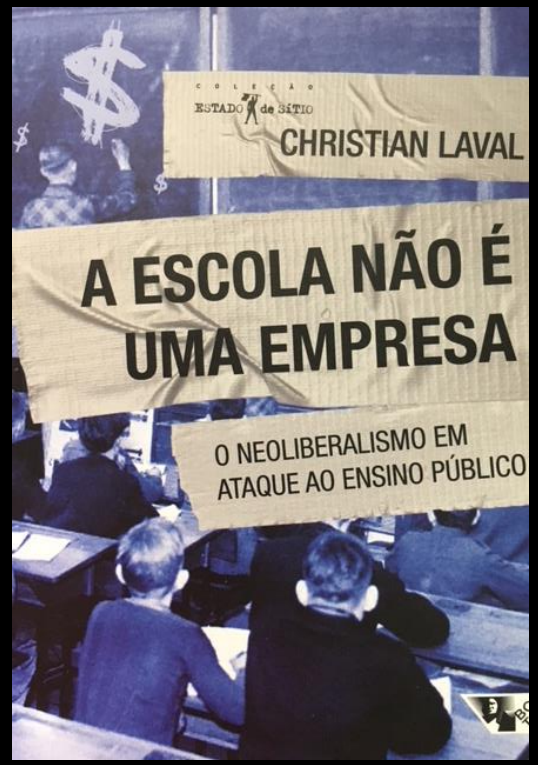
Não posso me deixar seduzir pelas tentações míticas, entre elas minha escravidão às técnicas, que, sendo elaboradas pelos homens, são suas escravas e não suas senhoras. (FREIRE: 2014, p.25)

2013



Esse bloco de poder [da modernização conservadora] combina múltiplas frações de capital que são comprometidas com soluções marquetizadas neoliberais para problemas educacionais, intelectuais neoconservadores que querem um "retorno" a padrões mais altos e uma "cultura comum" [...] a um passado romantizado do lar, família e escolas "ideais". (APPLE: 2017, p. 214-215)

As transformações da organização do trabalho, em parte reais e em parte idealizadas no discurso oficial, explicam em grande medida o tipo de mutação escolar que as forças econômicas e políticas dominantes exigem. A referência ideal da escola passou a ser do trabalhador flexível, de acordo com os cânones da nova representação da gestão. (LAVAL: 2019, p. 39-40)



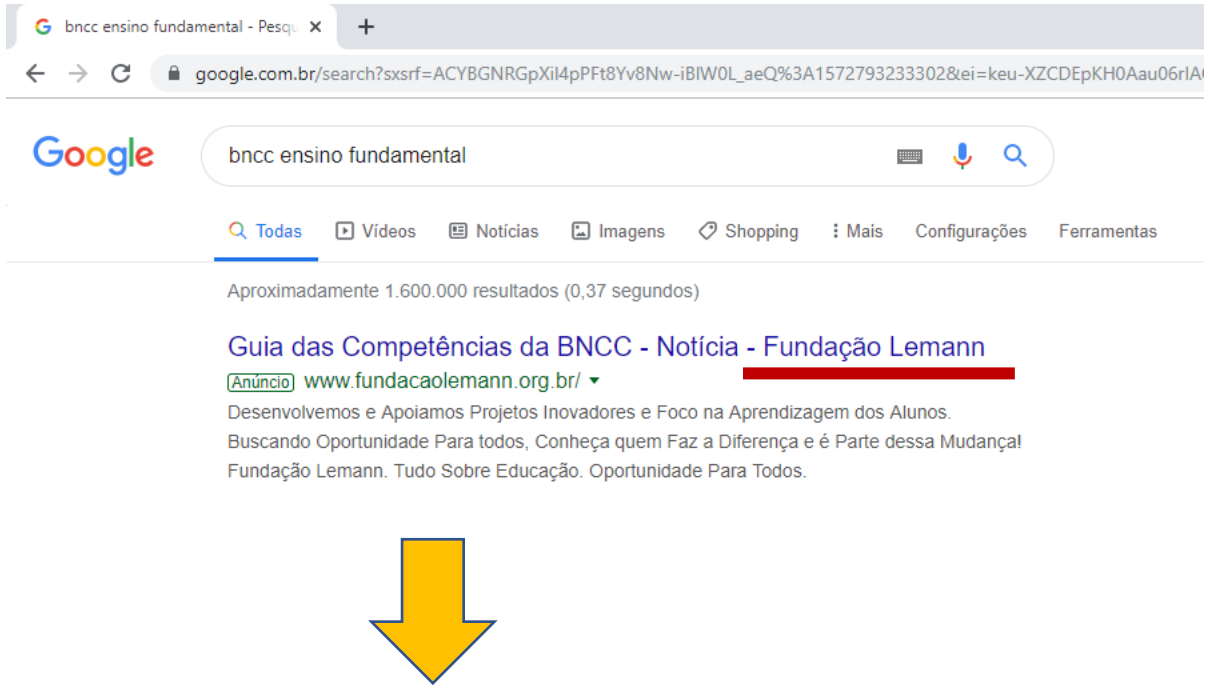
2003



2006

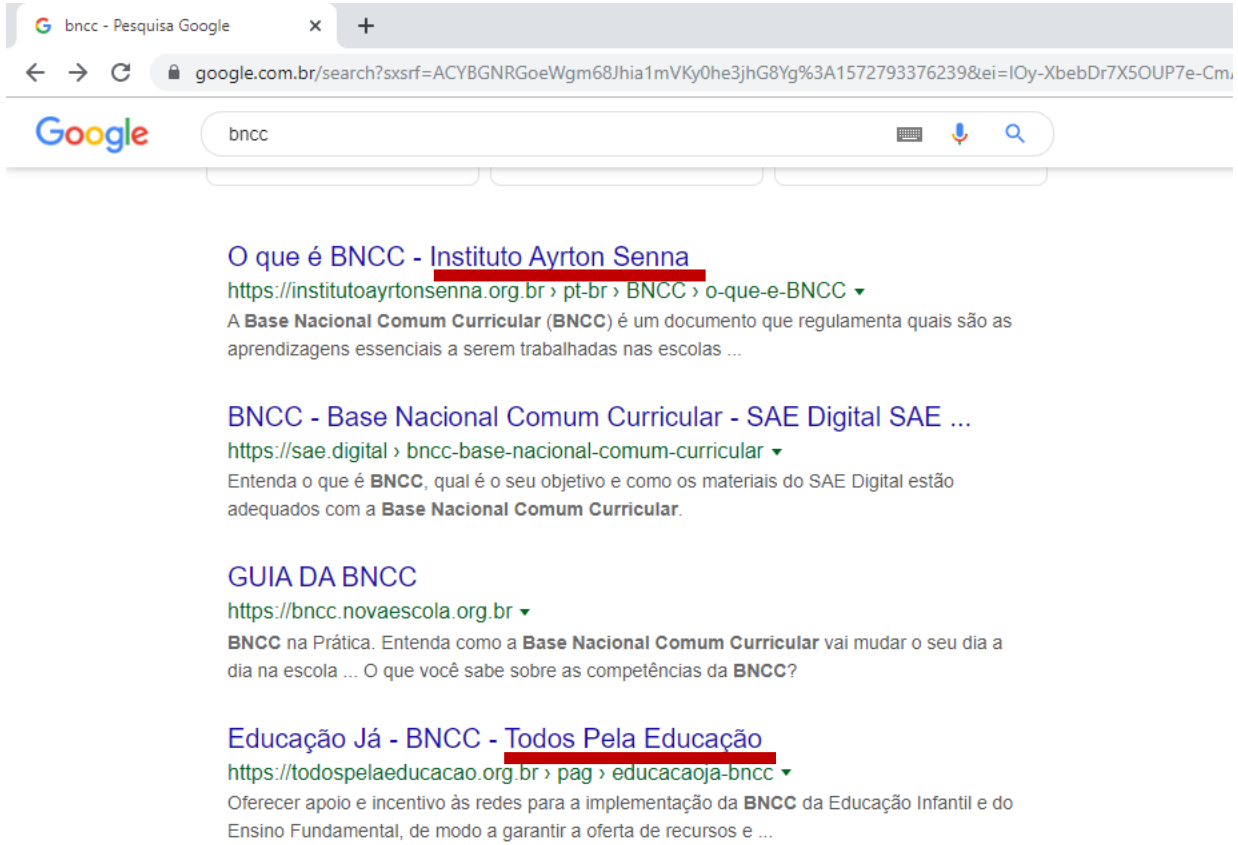
Um problema é que a nova linguagem da aprendizagem facilita uma compreensão *econômica* do processo de educação, na qual o aprendente supostamente sabe o que ele ou ela deseja e na qual o provedor se apresenta simplesmente para satisfazer as necessidades do aprendente (ou, em termos mais diretos: para satisfazer o cliente). (BIESTA: 2013, p.43)

A quem interessa esta escola?



resultado da busca

Na primeira página da busca



Uma previsão ou uma realidade?



Os Simpsons

A grande vigarice – episódio de Natal (2009)

https://www.youtube.com/watch?v=WOgYII4igYM

Algumas questões em relação a BNCC:

Será que o cenário é tão preocupante assim?

Será que se trata de um documento a serviço de propósitos mercadológicos / globalizantes / hegemônicos?

Quais concepções de ensino visíveis no documento?

Como a literatura aparece nestes documentos?

Dos princípios:

As experiências das crianças em seu contexto familiar, social e cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo e sua interação com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação são fontes que estimulam sua curiosidade e a formulação de perguntas. O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza. **(p.54)**

Dos princípios:

Há que se considerar, ainda, que a cultura digital tem promovido mudanças sociais significativas nas sociedades contemporâneas. Em decorrência do avanço e da multiplicação das tecnologias de informação e comunicação e do crescente acesso a elas pela maior disponibilidade de computadores, telefones celulares, *tablets* e afins, os estudantes estão dinamicamente inseridos nessa cultura, não somente como consumidores. Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil. Por sua vez, essa cultura também apresenta forte apelo emocional e induz ao imediatismo de respostas e à efemeridade das informações, privilegiando análises superficiais e o uso de imagens e formas de expressão mais sintéticas, diferentes dos modos de dizer e argumentar característicos da vida escolar. **(p.57)**

CONSTATAÇÕES:

- O aspecto que mais parece remeter a uma concepção bancária do ensino / mercadológica é sua organização em tópicos, fazendo lembrar um checklist, uma lista de supermercado.
- Isto está nitidamente ligado à necessidade da produção de indicadores e de parâmetros para criação de livros e materiais didáticos.
- Há um nítido fascínio pelas TDIC – Tecnologias Digitais da Informação. O documento está repleto de gêneros textuais contemporâneos que se sobrepõem a gêneros tradicionais.

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, fanzines, *e-zines*, fanvídeos, fanclipes, *posts* em fanpages, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da *Web*. Não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, *podcasts*, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais etc. Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho; podemos produzir *playlists*, *vlogs*, vídeos-minuto, escrever *fanfics*, produzir *e-zines*, nos tornar um *booktuber*, dentre outras muitas possibilidades. Em tese, a *Web* é democrática: todos podem acessá-la e alimentá-la continuamente. Mas se esse espaço é livre e bastante familiar para crianças, adolescentes e jovens de hoje, por que a escola teria que, de alguma forma, considerá-lo? (p.64)

Não se trata de deixar de privilegiar o escrito/impresso nem de deixar de considerar gêneros e práticas consagrados pela escola[30], tais como notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião, charge, tirinha, crônica, conto, verbete de enciclopédia, artigo de divulgação científica etc., próprios do letramento da letra e do impresso, mas de contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais.

30 O espaço maior nesse trecho introdutório destinado aos novos letramentos e à cultura digital é devido tão somente ao fato de que sua articulação ao currículo é mais recente e ainda pouco usual, ao contrário da consideração dos letramentos da letra já consolidados. Os quadros de habilidades mais adiante atestam ainda a primazia da escrita e do oral. (p.65)

Em artigo de 2014, Geraldi afirma:

Não cabem à escola de ensino básico todos os diferentes letramentos, no sentido que estamos atribuindo a “diferente” neste item. Cabe reconhecer a multiplicidade e escolher alguns gêneros – e, portanto, algumas esferas de comunicação – como fundamentais. Entre estes, seguramente se encontram os campos da literatura e das artes, pois o acesso a tais bens culturais, patrimônio da humanidade, deve ser privilegiado pela escola. Não há que ter receio das possibilidades de aprender na vida, e por isso não vale a pena perder tempo ensinando a “ler uma fatura de conta de luz”, lição que encontrei num livro didático para crianças de 8/9 anos. Aliás, em algum de nossos dialetos, além da especialíssima escrituração mercantil, alguém chama a “conta de luz” de “fatura”? (GERALDI: 2014, p. 31)

https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/19443/15592

Sobre a leitura / literatura:

- O documento destaca a centralidade do texto a sala de aula dialogando com os documentos que o precederam (PCN, OCN, DCN).
- A leitura / a escrita / a gramática / a oralidade aparecem de forma separada. Em certos momentos o documento adverte que essas habilidade devem ser trabalhadas de maneira integrada.
- Há um medo de associar o ensino da literatura a questões gramaticais – talvez pela velha ideia de que o texto não deve ser pretexto (O texto não é pretexto, Marisa Lajolo, 1982). Lembrando que a própria autora já reviu esta ideia e considerou que o texto pode sim ser pretexto em contexto escolar.

Sobre a leitura / literatura:

- Predomina a perspectiva dos multiletramentos, dos letramentos multissemióticos e da cultura virtual contemporânea.
- Deve-se destacar que o documento indica que estes letramentos devem ser problematizados em sala de aula de uma forma crítica (desconstrução), mas a centralidade dada a estes novos letramentos indica uma centralidade deles.
- Predomina uma concepção linguística de ensino – termos como linguagem / práticas de linguagem aparecem desde o início do documento. A palavra literatura só aparece na 9ª página do documento da área. A palavra poema na 11º página.

FRUIR

Fruição

Fruição estética

Leitor-fruidor

Leitores-fruidores

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de "desvendar" suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. Para tanto, as habilidades, no que tange à formação literária,

(p.134)

Para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de frui-los. Um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências (por autores, estilos, gêneros) e que compartilha impressões e críticas com outros leitores-fruidores. (p.152)

Por que isto acontece?

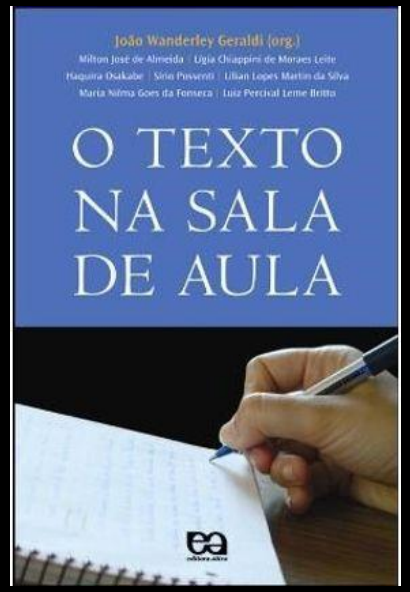
(Caráter utilitarista dos dias de hoje ou há outra explicação possível)

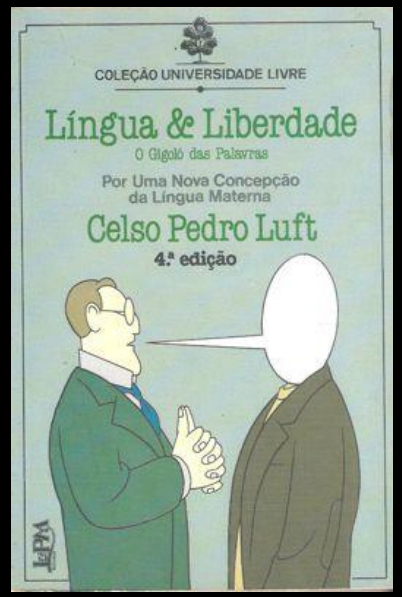
1) Estamos em uma sociedade pós-literária:

- Outras formas de expressão artística ocupam há um bom tempo o lugar que era da literatura (o jornal, a revista, o rádio, o cinema, a televisão, a internet etc).

- A literatura compete com outras mídias, mas ao mesmo tempo se apropria e dialoga com elas.

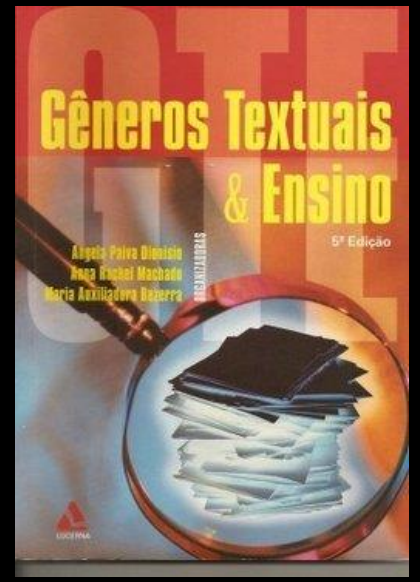
2) No Brasil, a área da linguística se ocupou em pensar o ensino de língua na educação básica enquanto que a área da literatura / dos estudos literários virou as costas para escola. Um exercício rápido: faça uma lista de livros sobre o ensino de língua (gramática, produção textual, letramento) e livros sobre o ensino de literatura.


João Wanderley Geraldi (org.)
O TEXTO NA SALA DE AULA


COLEÇÃO UNIVERSIDADE LIVRE
Língua & Liberdade
O Gigolô das Palavras
Por Uma Nova Concepção da Língua Materna
Celso Pedro Luft
4.ª edição

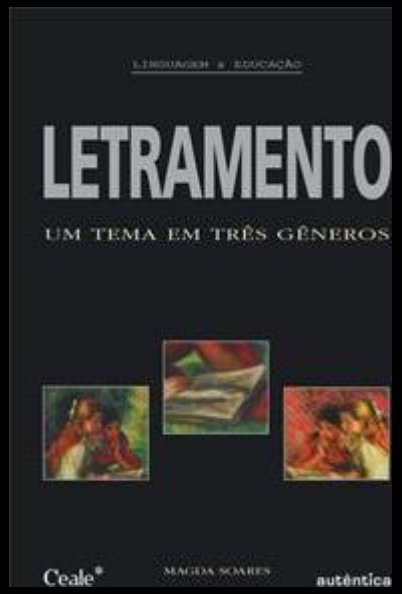

Irandé Antunes
entre palavras circulam
AULA DE português
encontro & interação

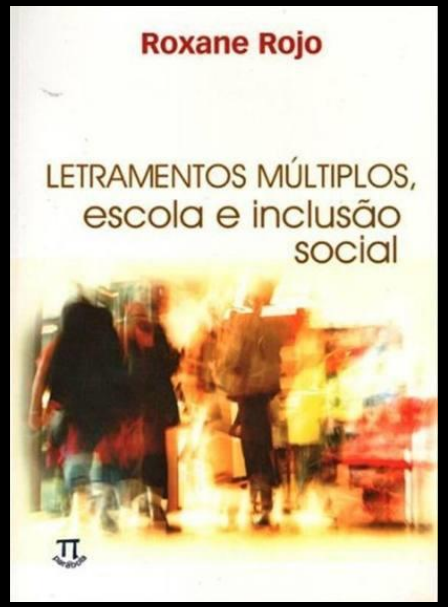

SÍRIO POSSENTI
POR QUE (NÃO) ENSINAR GRAMÁTICA NA ESCOLA

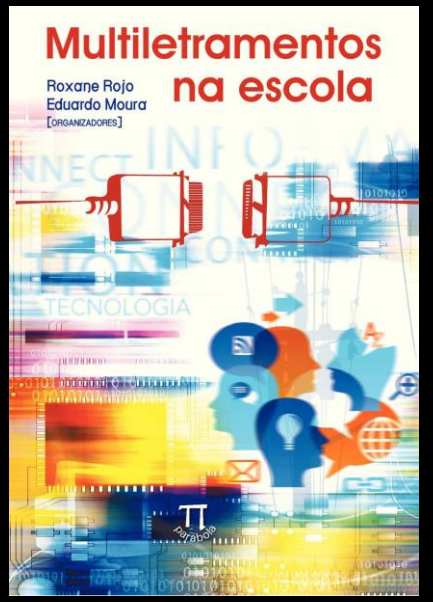

Gêneros Textuais & Ensino
5ª Edição

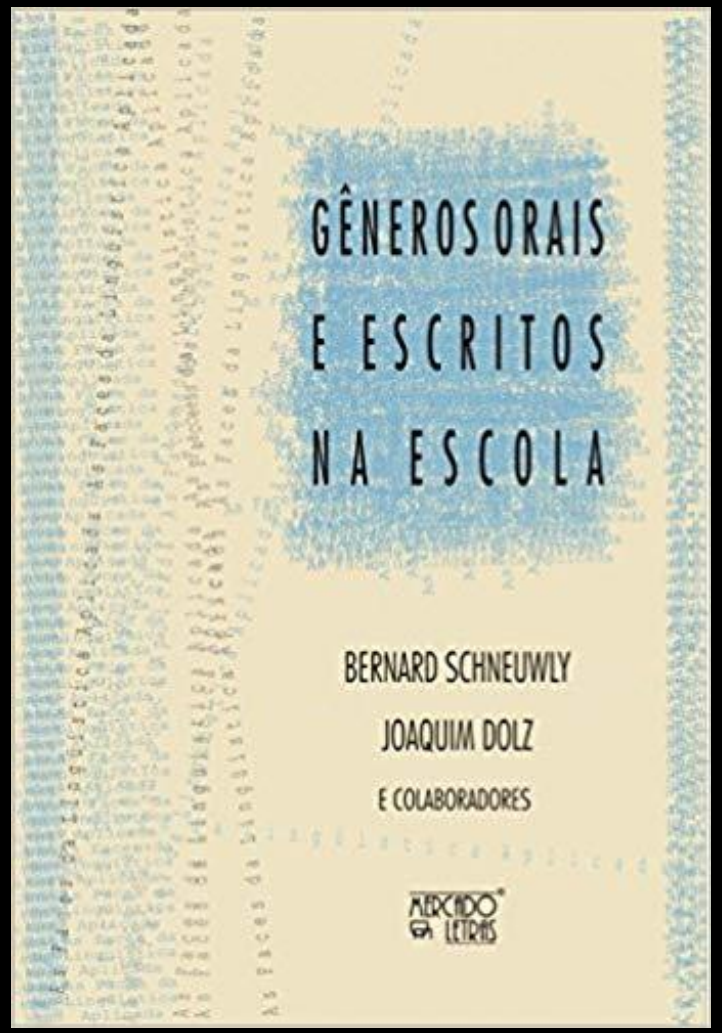

Leonor Werneck Santos
Rosa Cuba Riche
Claudia Souza Teixeira
Análise e produção de textos
editoracontexto


UMA NOVA PERSPECTIVA SOBRE A PRÁTICA SOCIAL DA ESCRITA
OS SIGNIFICADOS DO LETRAMENTO
ANGELA B. KLEIMAN (ORG.)
LETRAMENTO, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

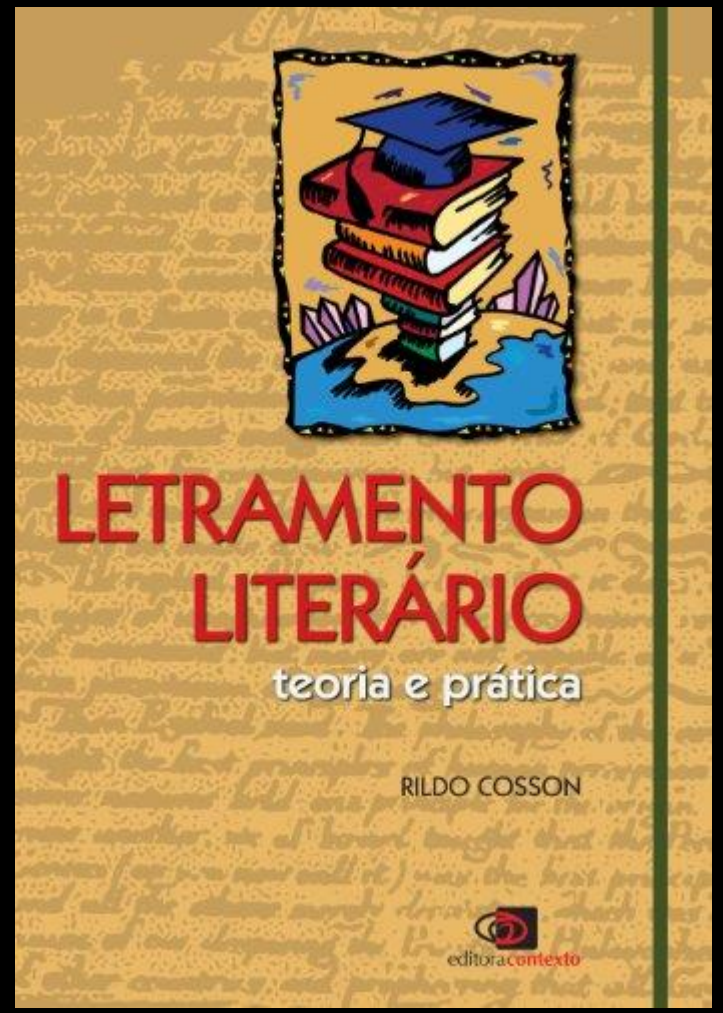

LETRAMENTO
UM TEMA EM TRÊS GÊNEROS
Ceale
MAGDA SOARES
autêntica


Roxane Rojo
LETRAMENTOS MÚLTIPLOS, escola e inclusão social

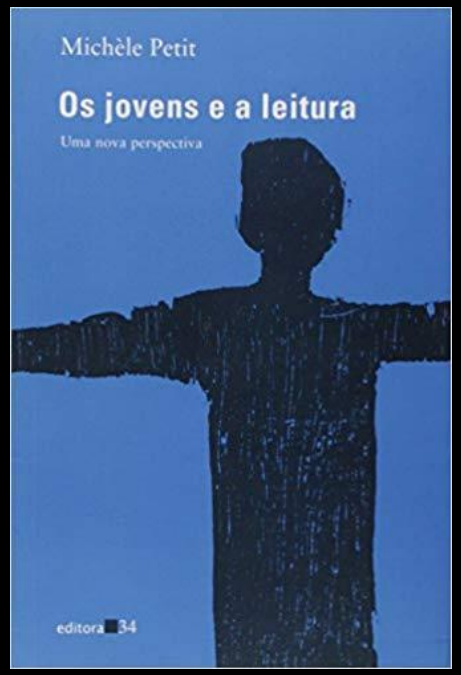

Multiletramentos na escola
Roxane Rojo
Eduardo Moura
[ORGANIZADORES]

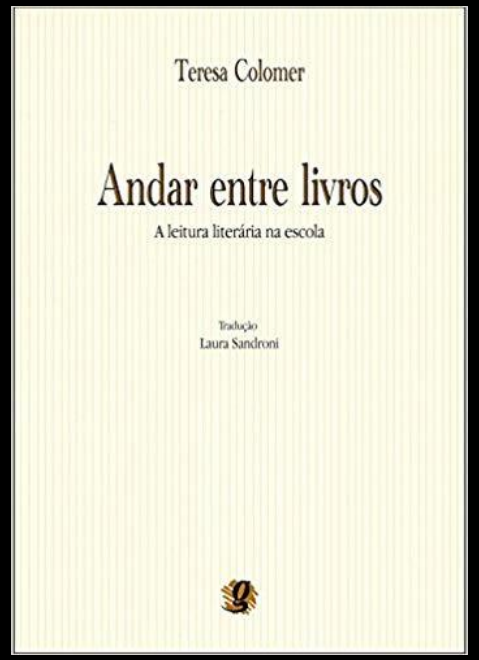


O livro mais importante de ensino de literatura no Brasil tem em seu título letramentos e se apropria da ideia das sequências didáticas.



Obras mais reflexivas produzidas em outros contextos fazem sucesso entre nós


Michèle Petit
Os jovens e a leitura
Uma nova perspectiva
editora 34

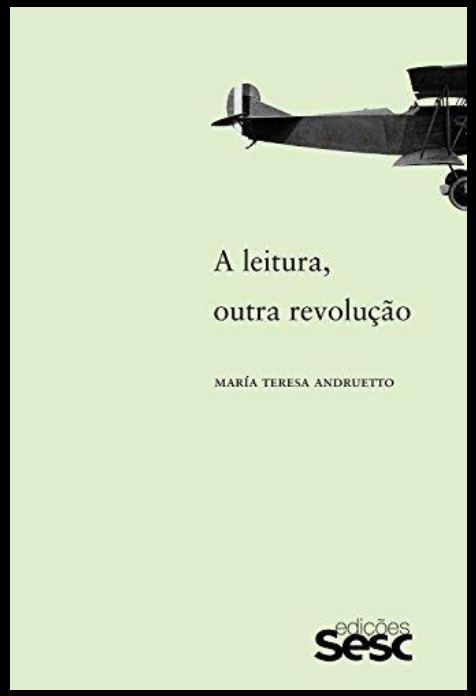

Teresa Colomer
Andar entre livros
A leitura literária na escola
Tradução
Laura Sandroni

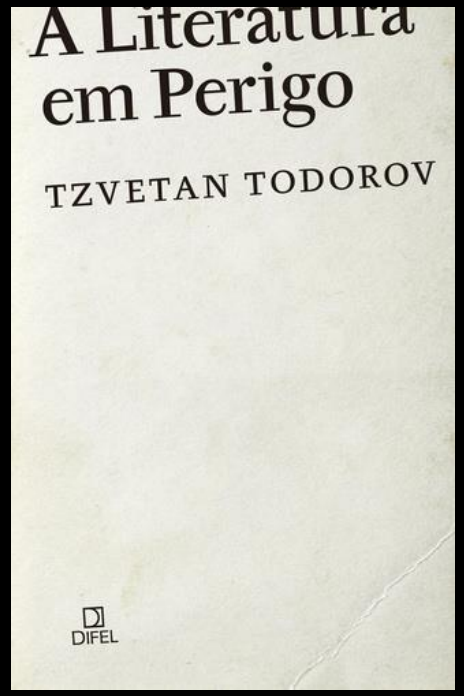

Leitura subjetiva e ensino de literatura
Annie Rouxel · Gérard Langlade · Neide Luzia de Rezende
(organização)
Alameda


Ouvir nas
entrelinhas
O valor da escuta nas
práticas de leitura
Cecília Bajour
pulo do gato


Vincent Jouve
POR QUE ESTUDAR
literatura?


Michèle Petit
A arte de ler
ou como resistir à adversidade
editora 34


A leitura,
outra revolução
MARÍA TERESA ANDRUETTO
edições
sesc


A Literatura
em Perigo
TZVETAN TODOROV
DIFEL


Ler e brincar,
tecer e cantar
Literatura, escrita e educação
Yolanda Reyes
pulo do gato


A leitura
Vincent Jouve
UNESP

Há uma série de saberes produzidos pelos professores de língua portuguesa que precisam ser mapeados e vistos em sua potência, viabilizando reflexões teóricas que são fundamentais para área, a saber:

- a curadoria / escolha de materiais para sala de aula (BAJOUR: 2012);
- entender que toda escolha é um gesto de poder e que se deve privilegiar textos literários de qualidade (BAJOUR: 2012; GERALDI: 2014);
- o conhecimento do mercado editorial infanto-juvenil e suas relações com a escola (MACHADO: 2004; ZILBERMAN: 2003; SCHEFFEL: 2017 e 2019);
- o conhecimento de programas, projetos de leitura e fundações ligadas à difusão do livro e da leitura (MACHADO: 2004);
- a edição de materiais para uso em sala de aula;
- a preparação de roteiros prévios de discussão para os vários tipos de textos que são utilizados em sala de aula (CHAMBERS: 2007; BAJOUR: 2012; PÉCORA: 2019);
- a mediação de qualquer texto / inclusive o literários - estes demandando cuidados especiais para que seu caráter artístico não fique em segundo plano (BAJOUR: 2012; ANDRUETTO: 2012);

- a escuta em sala de aula – a importância da conversa literária (BAJOUR: 2012; CHAMBERS: 2007; PETIT 2009; BAJARD: 2014);
- a seleção e livros de poesia para serem lidos em sua integralidade pelos alunos rompendo com a tradição da leitura de poemas escolhidos (UZEDA: 2016);
- o potencial de gêneros curtos como a crônica, a fábula e o conto em sala de aula (SCHEFFEL: 2016; VIEGAS: 2016);
- os diários de leitura e sua relação com a aprendizagem literária (ROUXEL: 2013);
- a possiblidade efetiva da leitura de fruição na escola (TONIN: 2016);
- as oficinas de produção literária como estratégia de ensino (BARBOSA: 2016);
- a publicação das produções escritas dos alunos;
- as novas práticas de letramento e sua relação com a escrita e a leitura na escola (CASSANY: 2010; FIDELIS: 2019);
- a fala pública sobre a literatura.